

A ÉTICA PROFISSIONAL COMO PARÂMETRO E VALOR NA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

OSCAR D'ALVA E SOUZA FILHO

Professor de Ética e Filosofia Grega na UECe; Promotor de Justiça em Fortaleza

Sumário: 1. Conceito de Ética Profissional. 2. Relação existente entre a Ética Individual e a Profissional. 3. O bem proceder profissional e a felicidade do agente. 4. A relação profissional com o cliente. Expectativas. Decepções e gratificações. 5. O caráter publicizante da Ética Profissional.

1. O conceito de Ética Profissional

Tendo essencialmente a mesma natureza da Ética, disciplina filosófica reflexiva e preocupada finalisticamente com o bem, a Ética Profissional pode ser compreendida como uma reflexão pessoal do agente profissional buscando definir diretrizes lógicas e valorativas orientadoras de seu procedimento laboral. Esse refletir ético é também um dado subjetivo e apriorístico, verificado no íntimo da consciência do profissional visando perfectibilizar um comportamento condizente com os ideais de sua profissão e a expectativa de seu cliente.

O refletir ético-profissional traduz densa complexidade e dificuldade normativa da indicação de uma moral exemplar, pois apresenta invariavelmente como questão prática a problematização de duas realizações felizes, a do profissional e a de seu cliente. Se, de um modo geral admitimos que a busca ética pessoal revela um certo caráter subjetivista e individualista quanto à determinação da felicidade perseguida, não podemos dizer o mesmo da preocupação da ética das profissões. Aqui encontramos de princípio uma subordinação do agir profissional ao interesse público ao qual a atividade é destinada. As profissões, consideradas em suas perspectivas éticas têm uma destinação pública, dirigem-se ao coletivo e é em vista dessa condição que são socialmente respeitadas e cultivadas.

A profissão traz consigo uma significação substantiva. Representa o conhecimento categórico e específico de cada atividade do agir humano. E o conhecimento prático da necessidade de cada saber específico engendra no meio social a consciência da indispensabilidade e da seguridade profissional desse saber. A agronomia, a engenharia, a arquitetura, a medicina, a veterinária, a economia e o direito encerram em seus sistemas gnóticos, conceitos e procedimentos básicos e indispensáveis à harmonia e ao equilíbrio das relações sociais. Cada profissão traduz em seus fundamentos doutrinários um discurso específico explicativo do mundo, uma cosmovisão vivenciada. Esses conhecimentos dos fatos do mundo, desde que sistematizados e submetidos a uma rigorosa verificação metodológica, acabam se constituindo em explicações exatas e precisas que classificamos como Ciência. Dessa forma é que denominamos a Agronomia, a Medicina e o Direito de ciências, embora saibamos da especificidade de seus objetos de estudos, de seus métodos e de seus critérios de certeza e de verdade.

Mas o objeto de nosso estudo é a relação existente entre o homem que escolhe uma profissão, sua reflexão sobre os valores lógico-científicos e deontológicos da profissão e sua prática individual e social. Seja ele um professor, um advogado, um promotor de justiça, um juiz de direito, um médico, um psicólogo, agrônomo, economista ou estudante. Qualquer desses profissionais está vinculado, primeiramente a um discurso lógico-explicativo do mundo que o faz raciocinar conforme a sua formação intelectual. Por isso, às vezes ouvimos expressões, tais como: "Ele fala como um professor". "Isso é economês". "Ele é assim mesmo, frio e objetivo, afinal é um médico". "Seja mais tolerante, ele é ainda um estudante".

O profissional revela, pois, primeiramente um tipo especial de sabedoria, condição intelectual que o vincula a uma ciência ou modalidade técnica de conhecimento. Exige-se dele, antes de tudo um discurso coerente. Ele há de se fazer respeitar entre seus pares como um médico, um advogado, ou um psicólogo competente. Que conhece a linguagem e as categorias de sua profissão. Conquistado o respeito próprio, a auto estima, o profissional, no contato com seus pacientes ou clientes deverá sentir-se feliz realizando o ideal de sua profissão e dessa forma ajudando socialmente aos outros indivíduos a diminuírem suas angústias, cumprirem com seus objetivos e sentirem-se melhores e mais seguros na busca comum de uma vida mais feliz.

Na oportunidade em que criticava o governo democrático de Péricles (Atenas, Séc. V a.C) pelo fato de reunir na Ágora (praça pública) os cidadãos e ali mesmo sortear os cargos públicos, Sócrates o grande moralista ateniense observava a impropriedade do método que privilegiava a sorte ao invés de buscar a competência e a responsabilidade funcional.

Argumentando contra Trasímaco e Cálicles perguntava ele se existia um conhecimento específico que fizesse de um homem um especialista na arte náutica, nas técnicas agrárias ou na medicina. Ou será que todos os homens indistintamente estão capacitados a exercitar essas tarefas específicas? Indagava Sócrates. Claro que não, respondiam os interlocutores é por isso que nos servimos dos conhecimentos especiais dos comandantes de navios, dos agrônomos e dos discípulos de Hipócrates. E Sócrates arrematava, como aristocrata convicto sua crítica à democracia grega. Será a atividade política tão comezinha e sem importância ao ponto de ser desempenhada por qualquer um? Ou deverá também a atividade política prescindir de um conhecimento específico? Será a Política tão inútil ao ponto de se sujeitar ao acaso e à sorte? (como ocorre com os atenienses). Se nos sujeitarmos aos sorteios para escolha de cargos públicos e não aos concursos niveladores da competência intelectual, não teremos o direito de nada exigir dos funcionários da Polis. A administração será boa ou má, dependendo da sorte...

À parte de seu evidente conteúdo ideológico, a crítica socrática salienta a necessidade do profissional vincular-se a um discurso competente, de conhecer e dominar com excepcionalidade as categorias e os procedimentos práticos de determinada atividade. Afinal ele será conhecido e respeitado em razão de seu ofício. Será admirado, honrado e realizado como indivíduo e como membro de sua sociedade.

A **Ética Profissional**, portanto será iniciada a partir de uma introspecção, de um "conhece-te a ti mesmo", a partir do qual o sujeito profissional se auto analisa como conhecedor dos preceitos teóricos de seu ofício e depois como correto praticante de sua profissão. No primeiro instante vinculam-se no raciocínio ético-profissional o senso auto-crítico do agente e o acervo técnico-científico da atividade profissional ao qual ele está vinculado. A proposição socrática segundo a qual "Virtude é conhecimento" vincula-se a esse primeiro momento reflexivo. A conclusão positiva ou auto aprovação é importantíssima como referencial de auto-estima e auto-confiança. O profissional necessitará muito dessa condição psicológica e subjetiva para transmiti-la a seus clientes.

O segundo momento do exercício ético-profissional dar-se-á a partir da prática laboral propriamente dita. Nasce da relação concreta problematizada entre o profissional e o seu cliente. A teoria e a prática científica unem-se no caso concreto trazido pelo paciente à consideração de seu orientador. Há uma relação intersubjetiva. Expectativas. Aflições. Dúvidas. Emoções. Desgastes mútuos. Conflitos. Esperanças e gratificações.

Da mesma forma que a Ética se realiza na Moral, a Ética Profissional é também uma reflexão axiológica preparatória de uma moral profissional,

de um comportamento laboral adequado que através do profissional realize o ideal de seu ofício, a expectativa de seu cliente e assim a complexa relação trinomial de felicidade traduzida no comportamento científico coerente com os postulados de sua ciência, no adequado servir ao destinatário de seu trabalho, e, finalmente no sentir-se bem com a conduta profissional exercitada. A consciência ética do dever cumprido. O reconhecimento de seu trabalho pelo cliente. O crescimento gradativo de uma imagem ou um conceito profissional dentre os colegas e perante à própria sociedade.

2. Relação entre a Ética individual e a Ética Profissional

É inegável a influência da Ética orientadora da vida pessoal, com sua historicidade e escala de valores do indivíduo na diretriz que ele imprimirá a sua profissão. Afinal o sujeito da ética profissional já chega aos bancos acadêmicos na fase adulta de sua vida. Ao concluir sua proficiência já é sem dúvida um ser amadurecido para os principais embates da vida. É verdade que vai começar uma nova etapa, talvez a mais importante e significativa de sua existência, mas é também verdadeiro que já levará consigo alguns valores fundamentais que se incorporarão a sua prática profissional. Os valores relativos à honestidade, à solidariedade humana, à fraternidade, à fidelidade a seu cliente provirão geralmente da experiência ética e moral que o profissional já vivenciou como indivíduo. Se ele era pessoalmente frio e pragmático levará tais características de conduta para sua prática profissional. Se era solidário e humanista, certamente caracterizará seu agir profissional com tal dimensão.

É pois, indubitável que a formação Ética, a filosofia de vida pessoal do agente influi decisivamente no seu comportamento como profissional. Um homem altruísta será um médico altruísta. Um indivíduo egoísta o será como psicólogo, professor ou advogado. Quem individualmente desconhece o valor honestidade, muito provavelmente o desconhecerá na prática de sua profissão. Assim como no curso do existir o indivíduo forja e engendra uma Escala Individual de Valores que orientará o seu fazer, o seu agir pessoal, também na esfera real da prática das profissões os agentes profissionais, consciente ou inconscientemente, vão forjando paulatinamente uma escala de valores profissionais que os relacionam com o ideal da profissão, com o sentimento de respeito aos seus clientes e com o seus sentimentos de felicidade diante da vida em decorrência da profissão que exercem.

A prática moral da profissão é responsável, objetivamente pelo conceito efetivo que cada profissional inscreve na sua vida. Da mesma forma que a vida pessoal, a vida profissional é cheia de contradições, conflitos,

desgastes e decepções. Também pode ser plena de realizações felizes e de profundas significações e gratificações. É dialética, sem dúvida.

Assim como os bons exemplos profissionais são historicamente exaltados, as sociedades com ironia e inteligência registram também sua aversão às práticas desonestas e anti-éticas, como foi o exemplo de um juiz romano tristemente conhecido por suas falcatruas, de nome **Lucius Antonius Rufus Apius**. O discutido magistrado assinava suas sentenças com as iniciais **L.A.R.Apius**, e de tanto mau proceder emprestou seu nome ao adjetivo "larápio" para designar em países de língua romanística os profissionais que não cultivam a honestidade.¹

Às vezes ouvimos falar de um "médico frustrado", de "um advogado mafioso", de "um delegado bandido", de "um psicólogo conflitado", como exemplos de comportamentos individuais que negam o ideal da profissão escolhida e no caso não honrada. Cabe observar-se que a Sociedade devota mais respeito às profissões do que aos profissionais. A medicina traz em si uma aura de respeitabilidade, porque significa abstratamente um estudo e uma atividade dedicados à vida e à saúde de todos os homens. O Direito, por encerrar a luta pela Justiça evoca um sentimento de espiritualidade, de segurança e de garantia da paz social entre os homens. O magistério encerra o sentimento de amor ao conhecimento e à necessidade de transmissão e divulgação da cultura.

Como vemos há uma mística positiva em torno de cada profissão em face do resultado social francamente positivo de seus exercícios. Todos os méritos são creditados à Ciência. O mesmo não se verifica com relação aos profissionais de qualquer área do saber. É que nesse momento a realização deixa de ser ideal, metafísica, para ser efetivada dentro das circunstâncias e dos limites históricos, culturais e individuais de cada um. Por isso as falhas humanas acontecem e nesse cenário, o mais comum é responsabilizarem-se às pessoas. O paciente não entende jamais ouvir de seu médico que a doença em exame é incurável. Que a medicina ainda hoje não tem a solução para este ou aquele problema. Sempre atribuímos o limite ao profissional.

Ao procurar um advogado visando conseguir a liberação de um familiar preso, é muito difícil entender que nesse ou naquele caso concreto a

¹ O fato histórico e anedótico referente ao juiz romano **Lucius Antonius Rufus Apius**, que deu origem ao termo "larápio", em língua portuguesa, noticiado nesse trabalho, é fruto de pesquisa do Professor José Zairo Leite e Silva, do Departamento de História da UECe, que gentilmente nos cedeu essa informação.

libertação não poderá ser conseguida. Quando o cliente procura o advogado, após vencidos os prazos de defesa, será sempre difícil dizer que o caso não tem mais solução...O dilema é dizer a verdade ou enganar o cliente.É pois uma questão de ética profissional.

Como vemos é bem difícil e complexa a problemática sugerida pela Ética Profissional. Ela nos remete a questões lógicas (que dizem respeito ao domínio coerente dos princípios e postulados da proficiência), à questões valorativas a serem dimensionadas por nossa Filosofia de Vida (Ética Individual) e por último à convivência respeitosa e franca com o cliente que nos procurou e tem expectativas positivas quanto ao resultado de nosso trabalho.

A trilha desse caminho feliz é mais difícil. Exige mais disciplina, mais cautela e mais dedicação.É sempre um caminhar a dois, no mínimo.

3. O bem proceder e a felicidade do sujeito ético-profissional

Se o fim buscado na reflexão ética é a realização de uma prática moral feliz, o mesmo ocorrerá com relação à Ética Profissional. Ela há de corresponder à expectativa de felicidade do profissional oficiante. A moralidade feliz do profissional, já salientamos, tem uma condição humana mais complexa e complicada, por vincular-se a um "conhece-te a ti mesmo" socrático, que remete o sujeito a uma identificação teórica com os fundamentos de seu ofício, a um confronto com seus valores de indivíduo, e à expectativa final que o cliente credibiliza ao seu trabalho.

A prática profissional demonstra que o médico ou o advogado, por exemplo, necessitam compatibilizar suas condutas profissionais (morais), não apenas com a idéia pessoal que individualmente têm dos valores da profissão, mas a um Código de Normas Estandartizadas e já comprovadas pela prática social como sendo boas e eficazes. São os Códigos de Ética regulamentadores das profissões. O ato profissional é tão sério e relevante socialmente (pois compromete o conceito da profissão, a moral do profissional e o destinatário final do trabalho profissional, o cliente), que hoje saiu do mero controle da consciência ética de cada sujeito para receber controle externo da própria sociedade, destinatária maior desses serviços.

A consciência crescente da cidadania tem levado os indivíduos a se organizarem em prol de seus direitos, dentre os quais os direitos de consumidores dos trabalhos profissionais especializados. Por isso tem sido comum o noticiário indicativo de reclamações contra serviços imprestáveis de advogados ou de médicos, por exemplo.

É pois nesse cenário social concreto, prenhe de carências, sofrimentos, injustiças e angústias que o Profissional há de realizar sua tarefa.Terá de